



VOZ E RESISTÊNCIA EM “O BRASIL E A POLÍTICA”: NOTAS DE UM POETA NEGRO QUILOMBOLA AMAZÔNIDA

Keila de Paula Fernandes de Quadros¹
Francisco Pereira Smith Júnior²

¹ Mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia pelo Programa de pós-graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia (PPLSA/UFPA).

² Doutor em Ciências pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA/UFPA). Pós-doutorado em Estudos Comparados pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL/UNIOESTE). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES/UFPA)

RESUMO: Este artigo traz ao leitor uma análise sobre o poema “O Brasil e a política” do poeta quilombola e autodidata Rozalvo Farias. A construção poética do autor está pautada em recursos estilísticos, como as figuras de linguagem e outros elementos que possibilitaram a construção poética fundamentada na concepção e na leitura de mundo, nos conhecimentos e nos saberes socioculturais e históricos do poeta, mas principalmente no seu olhar curioso sobre a situação sócio-político-cultural brasileira. Dessa forma, a produção feita pelo poeta traz um conteúdo exatamente inverso da maioria das obras literárias produzidas que mostravam o negro como sujeito inferiorizado etnicamente. Sendo assim, o poema analisado vem contra o discurso de silenciamento do negro na história brasileira. Para realizar este artigo foram utilizados os estudos de Chevalier e Gheerbrant (2003), Candido (1996) e Moisés (2004).

Palavras-chave: poeta; quilombola; política; Brasil.

ABSTRACT: This article brings to the reader an analysis of the poem "Brazil and politics" by the self-taught quilombola poet Rozalvo Farias. The poetic construction of the author is based on stylistic resources, such as figures of speech and other elements that enabled the poetic construction based on the conception and reading of the world, the knowledge and socio-cultural and historical knowledge of the poet, but mainly in his curious look about the Brazilian socio-political-cultural situation. In this way, the production made by the poet brings a content exactly the opposite of most of the literary works produced that showed the black as an ethnically inferiorized subject. Thus, the analyzed poem goes against the discourse of silencing blacks in Brazilian history. To carry out this article, the studies of Chevalier and Gheerbrant (2003), Candido (1996) and Moisés (2004) were used.

Keywords: poet; quilombola; politics; Brazil.

1 INTRODUÇÃO

A produção textual de Rozalvo Farias³, não tem divulgação ampla, não se enquadra dentro do cânone literário, mas por outro lado, são produções ricas em elementos culturais e conhecimentos locais que indicam saberes da realidade do poeta. Levando em consideração esses fatores e o contexto de produção das poesias, as análises dos escritos de Rozalvo Farias devem ser realizadas de uma outra perspectiva, no caso, sócio-cultural, na busca de compreender os elementos identitários e culturais que estão imersos nas linhas e entrelinhas dos poemas.

O sujeito desta pesquisa é um poeta da oralidade que gosta de escrever sobre sua comunidade, inclusive, durante a entrevista ele citou um trecho de uma poesia produzida sobre o seu lugar de vivência “o nosso lugar é assim cheio de tranquilidade, longe daquele ruído e agitação da cidade, mesmo distante de tudo nunca estamos sozinhos, amanheceu o dia o cantar dos passarinhos”, essa poesia foi feita em atividade de gincana atendendo ao pedido das pessoas de Tipitinga, logo, alguns poemas são direcionados a falar sobre uma comunidade tradicional.

No referente ao processo de criação poética ele prefere escrever quando está sozinho, pois “Inf: Quando eu tô só, porque geralmente a gente se não se concentra quando tá muita gente. Doc: A ideia vem naquele momento no caso, aí o senhor escreve depois. Inf: Uhum, às vezes passa e é até difícil voltar atrás e lembrar de novo” (Rozalvo Farias), mas também escreve em outros momentos,

Inf: Eu vou fazendo e vai surgindo, sabe... Doc: processo automático.

Inf: Isso. Aí alguma coisa que precisa consertar as vezes, porque eu vou fazendo assim mesmo, e depois eu procuro consertar mais a letra e tal, fazer uma revisão pra ver onde foi que eu faltei uma vírgula.

Muitas vezes o poeta Rozalvo Farias recorre a ajuda de sua filha adotiva para fazer algumas correções ortográficas no texto, os poemas são

³ Poeta quilombola autodidata que desenvolve produção poética no nordeste da Amazônia paraense e atua pelos direitos quilombolas na região.

⁴ Entrevista concedida pelo poeta quilombola Rosalvo Farias.

reeditados, mas sempre mantendo a originalidade do conteúdo e as expressões de ideias do autor, o primeiro processo é apenas escrever livremente e só depois fazer os devidos ajustes. Nas diversas poesias coletadas, é possível perceber duas ou três versões para cada poema, a cada versão feita há correções da escrita padrão da Língua Portuguesa pautadas nas orientações da filha do poeta e no dicionário de Língua Portuguesa.

O poeta ao escrever nem sempre coloca títulos e datas nos poemas, disse que ao longo de sua vida teve pouco acesso a leituras de poetas considerados cânones literários, mas lembra que chegou a ler Carlos Drummond de Andrade e a se inspirar nele e em outros, também relatou que não tem muita facilidade em relação à escrita da língua portuguesa, mas ressalta que gosta de criar poemas e acha que se trata de um processo fácil, porém, argumenta que sua maior dificuldade se dá em decorrência do pouco conhecimento sobre a escrita da Língua Portuguesa, ocasionado por uma problemática maior que foi o curto período na escola.

Imagem 1 - Poeta Rozalvo Ramos Farias



Fonte: Os Autores (2018).

Vale frisar, que a própria palavra e o ato de escrever consiste como uma propriedade ainda inacessível a muitos, inclusive, a população negra e de classe baixa que tem poucas condições de acesso à escola, mesmo ela sendo pública, hoje a permanência de negros no ensino público ainda é um problema social. Se nos dias atuais, ainda se enfrenta

este problema, imagine décadas atrás em que o acesso à escola e à escrita era muito mais problemático, o que conseqüentemente, diminuía muito o público negro que conseguia chegar a determinado status social, uma vez que ser escritor na época era majoritariamente um espaço reservado aos brancos com alguma influência na sociedade. E até mesmo hoje, percebe-se que a literatura brasileira é majoritariamente feita por homens brancos.

Todavia, Duarte (2012, p.15) afirma que:

Do império autobiográfico à oratória, ao poema, ao drama, à ficção, o negro sempre falou. E o fez majoritariamente nas línguas dos colonizadores, que aprendeu e até rasurou, para emprestar a elas entonações, ritmos, sentidos e, mesmo vocábulos novos. Dessas falas, por vezes isoladas, à constituição de uma literatura, muitos foram os caminhos e muitas as pedras. Tal processo incluiu a paulatina aquisição do letramento, da escritura, e da cidadania, com o fim da escravidão.

A Literatura Afro-Brasileira foi iniciada por homens brancos, que até então, estavam a favor da classe média e compartilhavam dos pensamentos predominantes da época; de que o negro era uma raça inferior às demais, logo, as produções literárias tinham fortes marcas dessa visão. De acordo com Evaristo (2009), ao refletir sobre a roupagem estereotípica com a qual os negros são vestidos em diversas obras brasileiras, é perceptível um imaginário de que o negro é destituído da linguagem. Assim, parece que a literatura ao criar a imagem do negro sem voz, ou incapaz de dominar a língua dos brancos, revela o espaço inegociável da língua e da linguagem, que a cultura branca deseja exercer sobre a cultura negra.

Entretanto, apesar das grandes dificuldades o negro escreveu e continua resistindo ao escrever, foi assim com outras poetisas, e é assim com o Poeta Rozalvo Farias que busca sempre por meio da escrita expor suas críticas e pensamentos, sendo que durante as reuniões é solicitado para que escreva algo sobre o que foi discutido, no fim de cada encontro são expostos à comunidade de Tipitinga os poemas criados,

Qualquer evento que eu participava eu lá formava uma ... cansei de fazer de fazer alguma reunião em Santa Luzia eu participava de alguma oficina sempre vinha pela associação aí com tempinho conforme com que ia se passando lá dentro eu ia versando aí quando chegava àquela hora eles passam pra pessoa fazer uma palestra a minha palestra era a folha que eu tinha feito (Rozalvo Farias).

O poeta revela que suas poesias são criadas instantaneamente, e principalmente nas reuniões da Associação ou em casa quando recorda-se dos fatos ou assuntos que o sensibilizam, mas também afirma que já foi abordado para fazer poemas em cima da hora, contudo, ele destaca que precisa se sentir preparado para a atividade de escrita, precisa de inspiração, de concentração, de um momento que o faça sentir-se à vontade para produzir, pois as ideias fluem de modo natural, portanto, não basta que alguém simplesmente chegue e peça um poema, para que o desejo se torne realidade,

Acho que... porque tem certas horas que eu faço, aí vejo que não tá bom aí eu volto e conserto. Porque tem gente que pensa assim que eu faço assim de repente naquele momento, em cima da hora, mas não. Que nem eu tenho sido abordado “faça aí um poema” eu digo não é assim que funciona, eu tenho que sentar, me concentrar e aí escrevo alguma coisa. Mas chegar e fazer, não sou repentista, não! (Rozalvo Farias)

Os temas recorrentes nos poemas coletados são sobre política, família, justiça, poesia, mulher, criança e natureza. O poeta também escreve sobre momentos que vivenciou, revelando seu olhar sensível sobre o mundo ao seu redor. Destaca-se que poucas pessoas têm acesso às poesias dele, pois não são publicadas, exceto a que foi premiada e compôs parte de um livro ligado ao Programa Alfabetização Solidária.

De acordo com o próprio poeta, ele já tentou escrever duas vezes um livro, no entanto, na primeira tentativa seus poemas foram extraviados e não obteve retorno das pessoas para quem cedeu o material para fazer o livro. Depois tentou novamente com a ajuda de terceiros publicar suas poesias, mas, em decorrência de muitos trabalhos na agricultura, e o pouco tempo disponível, acabaram interferindo na produção dos poemas que foram aos poucos sendo deixados de lado.

tinha um rapaz lá que tentou me ajudou escrever um livro ele patrocinava através da prefeitura ... sempre aquela coisa né a gente tem o nosso serviço da roça né? O cara chega cansado o tempo que tem [...] foi não sei se é... com o passar do tempo a idade aí eu ... nessa época o rapaz tentou me ajudar tinha dia que eu sentava num canto e pelejava mas parecia sei lá foi embora. [...] não surgia aquelas ideias ele tentou uma pouca de vezes com o que eu podia conseguir era com essas originais as cópias que eu tinha feito né? Mas aí eu não sei como foi foi desfazendo aí eu perdi a chance. (Rozalvo Farias).

Atualmente, Rozalvo Farias, têm algumas poesias “engavetadas” deixou mais de produzir devido se sentir muitas vezes cansado fisicamente do trabalho no campo, ademais argumenta ter ficado um pouco desapontado por suas primeiras poesias terem sido extraviadas. Neste ano de 2018 o poeta escreveu e expôs para a comunidade uma poesia feita em homenagem ao ex-presidente da Associação de nome Severino Ramos, nomeada “minha casa minha vida”, também escreveu uma poesia em referência ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, cujo título é “O destino dos que lutam pelo mais pobres”.

Dessa forma, por meio das poesias, o poeta dá visibilidade à comunidade, uma vez que essa produção poética aponta para o conhecimento e a reflexão acerca do espaço social que ele está inserido, vale frisar que tais poemas são frutos das memórias individuais do poeta que são interligadas por memórias coletivas da comunidade e também memórias históricas.

2 “O BRASIL E A POLÍTICA”: O OLHAR POÉTICO DE UM AFRODESCENDENTE

É possível perceber que o autor Rozalvo Farias expressa sua capacidade não só de escrever poesia sobre o negro, mas sobre as coisas de modo geral que cercam sua realidade, considerando esse aspecto, Proença Filho (2004), aponta que na trajetória do cenário literário, o negro tanto foi objeto quanto sujeito literário, apresentando-se assim, literatura sobre o negro e literatura do negro, o Poeta Rozalvo Farias é um escritor negro, e na condição de autor escreve sobre diversas temáticas, a poesia “o Brasil e a Política” é um exemplo disso.

O Brasil e Política

Se não ouvesse a ganancia
O mundo seria **melhor**
Quanto mais o tempo passa
Fica de mau a **pioir**.

É difícil escolher

Aquele cara **ideal**
Se é bom ou ruim
Ele não tras um **sinal**

Não da para **acreditar**
No que ele vai **dizer**
É melhor **obcervar**
O seu modo de **viver**

Aconselho meu amigo
Que tem boa **intensão**
Pressisão ser **vacinado**
Antes da **eleição**
Pra não ser **contaminado**
Com o virus da **corrupção**

Eu não sou um político
Só um simples **eleitor**
Não tenho o conhecimento
De um advogado **dotor**
Mais sei que devem respeito a esse povão que **votou**
(povo lutador)

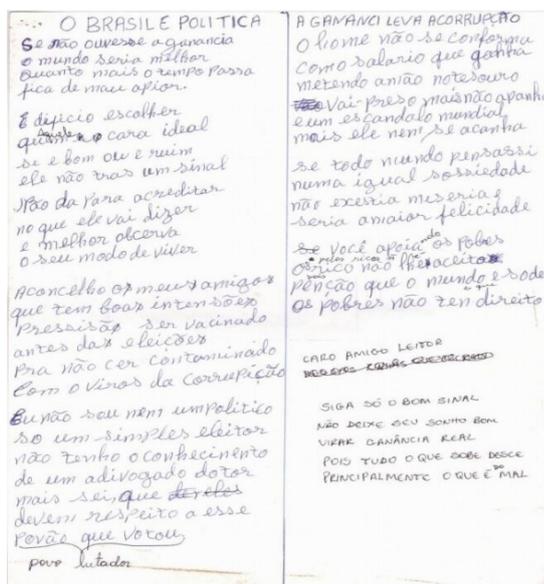
A ganancia leva a **corrupção**
O home não se conforma
Com o salario que **ganha**
Metendo a mão no tesouro
Vai preso mais não **apanha**
E um escândalo mundial
Mais ele nem se **acanha**

Se todo mundo pensassi
Numa igual **sossidade**
Não existia miséria e
Seria maior **felicidade**

Você apoiando os pobres
Pelos ricos não é **aceito**
Pois penção que o mundo e que e só de
Os pobres não tem **direito**

Caro amigo leitor
Siga o bom **sinal**
Não deixe o seu sonho bom
Virar ganancia **real**
Pois tudo o que sobe desce
Principalmente o que é do mal (**grifo nosso**)

Imagem 2 - Versão original do Poema “O Brasil e Política”.



Fonte: Os Rozalvo Farias

O poema designado “O Brasil e a Política” é constituído por 9 estrofes, conforme Goldstein (2006) estrofe é um conjunto formado por versos separadas por uma linha em branco antes e outra depois, demarcando a sua unidade. Diante do número de estrofes contidas no “Brasil e a Política”, é possível afirmar que se trata de um poema longo, com rimas não lineares, criadas de forma misturada dentro dos versos, apresenta uma sonoridade própria construída pelo autor. Conforme Candido (1996, p.23) “Todo poema e basicamente uma estrutura sonora. Antes de qualquer aspecto significativo mais profundo, tem esta realidade liminar, que é um dos níveis ou camadas da sua realidade total”, logo, todo e qualquer poema é constituído por uma determinada sonoridade, se ela vai interferir ou não no significado do poema vai dependerem partes do tipo de estrutura sonora criada. É perceptível no poema analisado que embora os versos não rimem de forma igualitária, mas ao se realizar na íntegra a leitura da poesia, é notório que sonoramente o poema apresenta rimas externas em toda a sua estrutura; para exemplificar na primeira estrofe tem-se o verso “O mundo seria melhor” em que a palavra final “melhor” rima com a palavra final “pior” do verso seguinte “Fica de mau a pior”.

Em relação à temática do poema, trata-se de uma abordagem centrada na questão política do País, o próprio título “O Brasil e a Política”, situa o assunto que é política e o contexto que é no Brasil.

Dessa forma, o eu-lírico faz plenamente uma reflexão sobre a situação política do Brasil, que envolve corrupção, lavagem de dinheiro, falta de credibilidade nos políticos etc, de forma que o autor do poema levanta questões essenciais para pensar sobre a corrupção, a ganância, a falta de comprometimento e de responsabilidade por parte das pessoas que assumem o governo em diversas instâncias, assim como também aponta a responsabilidade do eleitor no momento de votar e escolher o seu representante, advertindo o leitor que a corrupção é um mal que pode contaminar a todos, inclusive, o próprio eleitor na hora de exercer a democracia, contudo, todos devem estar atentos aos indícios desse mal que tem atingindo a sociedade.

A primeira estrofe do poema é composta por 4 versos, é, portanto, uma quadra ou quarteto, apresenta rimas entre os adjetivos “melhor” e “pior”. Essa estrofe é ainda, constituída por uma linguagem objetiva e literal, aqui tem-se, a oposição dentro do poema dos termos melhor e pior, o primeiro se refere a melhora social do mundo e o segundo a piora com a passagem do tempo.

Se não ouvesse a ganancia
O mundo seria **melhor**
Quanto mais o tempo passa
Fica de mau a **pior**

Essa estrofe já introduz um elemento que será bastante explorado ao longo da poesia, que é justamente a Ganância como um dispositivo que provoca no ser humano a vontade exacerbada de possuir tudo o tempo todo e a qualquer custo. O eu lírico do poema afirma que a ausência da ganância tornaria o mundo muito melhor, em seguida, contrapõe que quanto mais o tempo passa, a situação social só tende a ser mais preocupante, tornando-se cada vez pior. Dessa forma, há a exposição crítica em relação à visão de mundo do eu lírico, de forma que na perspectiva dele a passagem temporal tem apenas intensificado cada vez mais a situação degradante em decorrência da ganância humana.

A segunda estrofe é composta por 4 versos, com rimas ricas entre o adjetivo “ideal” e o substantivo “sinal”.

É difícil escolher
Aquele cara **ideal**
Se é bom ou ruim
Ele não tras um **sinal**

Nessa estrofe, o eu lírico fala da dificuldade de escolher as pessoas que irão ser representantes de um grupo social. Infere-se a partir da leitura da totalidade do poema que o “cara ideal” nada mais é do que um sujeito compromissado com a população, que não é ganancioso e tem projetos para as pessoas de baixa renda, é responsável e honesto, aquele que não se deixa contagiar pela ambição. Desse modo, há dentro do poema mesmo com o uso da linguagem direta a construção da imagem do que é ser um cara ideal. Segundo Candido (1996) a forma de transferir o sentido das palavras, ou de grupos de palavras, varia bastante, e embora se faça uso da linguagem literal, o poeta acaba por criar uma poeticidade singular, em decorrência de haver transfiguração no sentido geral ou em partes do poema. É precisamente o que ocorre nessa estrofe; a criação de imagens apesar das palavras assumirem o seu valor semântico usual.

O eu lírico ainda declara por meio dos extratos “Se é bom ou ruim/ Ele não tras um sinal” que a dificuldade de selecionar um representante político competente, dá-se por causa de não haver nenhum sinal indicativo, marca, ou alguma manifestação que possibilite conhecer previamente a pessoa que expressa interesse por ser político. O pronome “ele” se refere ao candidato que quer ser político, logo, o emprego dos adjetivos “bom” e “ruim” remetem exatamente a personalidade e característica dessa pessoa.

A terceira estrofe é composta também por 4 versos, com rimas pobres entre os verbos “acreditar” e “observar” e os verbos “dizer” e “viver”, de modo que o primeiro verso rima com o terceiro e o segundo rima com o quarto, ou seja, tem-se nessa estrofe rimas alternadas.

Não da para **acreditar**
No que ele vai **dizer**
É melhor **obcervar**
O seu modo de **viver**

Nessa estrofe tem-se a linguagem no seu uso convencional das palavras, isto é, a linguagem literal, em que o eu lírico revela por meio dos

fragmentos “Não da para acreditar/ No que ele vai dizer” que não é possível acreditar nas coisas que um candidato a um cargo político possa dizer, não sendo, portanto, confiáveis as promessas e propostas feitas por um futuro político, é possível inferir que o eu lírico fala de tal situação como um sujeito que tem experiência sobre a atual situação política Brasileira, sobre o nível de corrupção dentro da política, pois ele faz afirmações que só quem teve experiências negativas anteriores pode ter tanta certeza assim que não é possível acreditar no que os políticos falam, o que está implícito é que o eu lírico tem memórias negativas sobre tudo que é dito em períodos eleitorais e não é cumprido ao decorrer da gestão dos eleitos.

Também se tem implicitamente o elemento da memória do eu-lírico por meio da exposição dos versos “Não da para acreditar /No que ele vai dizer”, afinal, porque não daria para acreditar no discurso político, senão pela memória negativa que o eu-lírico possui das promessas desses sujeitos? A memória cumpre nesse aspecto o dispositivo de alerta ao eleitor, ela é constituinte do ser humano, Pollak (1992) alega nesse sentido, que tanto a memória individual quanto a memória coletiva constituem o sentimento de identidade do sujeito, além de ser um elemento essencial para o sentimento de continuidade e coerência de um sujeito ou de uma sociedade na reconstrução de seu próprio processo. Desse modo, a memória está o tempo todo situada no sujeito que lembra, e é acionada sempre que se faz referência ao passado, ou a tudo que dele faz parte, como por exemplo, as experiências e as vivências que nos levam a refletir o presente, logo, o eu lírico só é capaz de fazer todas as reflexões sobre a situação política, baseado nas suas experiências do passado, aquelas que ele recorda ou é instigado a lembrar.

De acordo com Halbwachs (1990) para invocar o passado recorre-se tanto a memórias dos outros quanto se faz uso de fatores impostos pela sociedade, ainda para ele não seria possível o funcionamento da memória sem estes fatores dos quais se destaca as palavras e as ideias, que não foram criadas pelo indivíduo, mas emprestadas do meio social. Nesse contexto, é pertinente concordar

com Halbwachs no referente ao que se guarda na memória, não obstante só é possível a capacidade de lembrar daquilo que se fez parte, se sente e se pensa em um dado momento situado no espaço e no tempo, todas as outras lembranças presentes no subconsciente humano são derivadas de memórias históricas e coletivas.

O eu lírico do poema, situa por meio dos trechos “É melhor observar / O seu modo de viver” que uma vez que não há como acreditar nas promessas e nos dizeres dos candidatos a cargos políticos, a melhor saída ao cidadão eleitor é observar as atitudes e ações da vida social e individual do sujeito político, pois só por meio disso será viável tirar conclusões sobre o tipo de pessoa que está manifestando interesse na política, já que não é possível dar crédito ao que eles dizem, visto que o eu lírico dá a entender por meio de afirmações baseadas em experiências passadas que eles nunca cumprem o que falam.

Na quarta estrofe há 6 versos, com rimas entre o substantivo “intenção” “eleição” e “corrupção” situados respectivamente, no segundo, quarto e sexto verso, além de rimas pobres entre o verbo “vacinado” e “contaminado” presentes no terceiro e quinto verso.

Aconselho meu amigo
Que tem boa **intensão**
Pressisão ser **vacinado**

Antes da **eleição**
Pra não ser **contaminado**
Com o vírus da **corrupção**

Nesta parte do poema, há alguns pontos que devem ser analisados cuidadosamente, o primeiro se refere ao uso consecutivo dentro dessa estrofe de palavras no sentido figurado, fazendo uso de imagens. Candido (1996, p.76), afirma que imagem é “o nome que damos a toda figuração de sentido que faz as palavras dizerem algo diferente de seu estrito valor semântico [...]. A imagem é aí uma “comparação” ou um “símile”, pois a transferência de sentido é explícita” o que implica dizer que é necessário interpretar as palavras sob uma nova ótica que não a usual, a criação de imagem dentro do poema, é um recurso utilizado para a obtenção de um novo sentido para uma palavra, expressão ou para a universalidade do poema, uma vez que o autor pode criar imagens dentro de uma estrofe ou até mesmo na totalidade do texto poético, no caso, aqui, há várias

palavras com outro sentido que difere do habitualmente usado no cotidiano como é o caso dos termos “vacinado” “contaminado” e “vírus” empregado metaforicamente.

No dicionário de termos literários, Moisés (2004, p. 281) afirma que metáfora significa “transferência, translação, transporte”, na mesma linha de pensamento Aristóteles (2008, p.83), situa que “a metáfora é a transferência de uma palavra que pertence a outra coisa, ou do gênero para a espécie ou da espécie para o gênero ou de uma espécie para outra ou por analogia”, Candido (1996, p.78) destaca que metáfora é uma imagem em que há “A transferência de significado em toda a sua pureza, a identificação de realidades diversas efetuada apenas pela proximidade, que desencadeia a aproximação desejada pelo poeta”. Dessa forma, nota-se que todos os conceitos, aqui, apontam que metáfora é um recurso no qual há a transmutação de sentido de uma palavra para ser aplicado em outro contexto, isto é, faz-se uso de uma palavra com novo significado que não o sentido denotativo.

A partir disso, analisa-se que inicialmente por meio do recorte “Aconselho meu amigo/ Que tem boa intensão”, o eu lírico dá uma sugestão aos eleitores que realmente tem interesse em uma sociedade melhor e mais igualitária, em seguida nos trechos “Pressisão ser vacinado/ Antes da eleição” o eu lírico usa a palavra “vacinado” no sentido figurado, ou seja, não trata-se de vacinar literalmente os eleitores, mas sim significa estar protegido de alguma coisa, prevenido contra algum mal, “Pra não ser contaminado”, no caso, a palavra contaminado também está metaforicamente empregada com o sentido de que de que se os eleitores se prevenirem eles não serão influenciados ou atingidos, haja vista que estarão previamente imunizados contra este tipo de mal que é definido pelo eu lírico como “o vírus da corrupção”, o termo corrupção é definido como sendo um tipo de vírus, no entanto, sabe-se que não se trata realmente de um vírus no sentido real da palavra, portanto, o uso dessa palavra pelo poeta, ocorre precisamente por causa que o termo “vírus” remete a ideia de contaminação, propagação e transmissão de algo ruim para as pessoas na sociedade, assim sendo, o eu

lírico define que a corrupção é exatamente uma doença, um tipo de mal, uma espécie de vírus que pode contaminar a todos.

A quinta estrofe possui 6 versos, com rimas entre o substantivo “eleitor”, “doutor” “voltou” e “lutador”, dispostas na seguinte sequência, segundo, quarto, quinto e sexto verso, o que demarca que as rimas são criadas de forma misturada, porém, mantêm dentro do poema a sonoridade de que as estrofes de alguma forma se constituem a partir de rimas, mesmo que não sigam o mesmo padrão.

Eu não sou um político
Só um simples **eleitor**
Não tenho o conhecimento
De um advogado **dotor**
Mais sei que devem respeito a esse povão que **votou**
(povo lutador)

Nessa estrofe o eu lírico destaca que ele não é um político, e sim um eleitor, ao se identificar como eleitor, demarca, por conseguinte, sua identidade de sujeito social Brasileiro, que tem deveres enquanto eleitor, entende-se que “Identidades são, pois, identificações em curso” (SANTOS, 1994, p.31), isto é, identidade é o modo como cada sujeito se identifica e é identificado ao longo da sua vida. O eu lírico através dos versos “Não tenho o conhecimento / De um advogado dotor” deixa evidente que não possui conhecimentos tal como alguém com estudos avançados, todavia, possui conhecimentos sobre a política e os deveres de um representante que governa uma sociedade e, inclusive, sabe que é dever e obrigação, o respeito a todos os eleitores caracterizados por ele como “povo lutador”, que votaram para eleger um representante. A sexta estrofe contém exatamente 7 versos, essa estrutura é classificada por Goldstein(2006) como sétima ou septilha, e apresenta rimas entre os verbos “ganha”, “apanha” e “acanha”, distribuídas sequencialmente ao longo do terceiro, quinto e sétimo verso.

A ganancia leva a corrupção
O home não se conforma
Com o salario que **ganha**
Metendo a mão no tesouro
Vai preso mais não **apanha**
E um escândalo mundial
Mais ele nem se acanha

Há nesta estrofe a explicação de que propriamente a Ganância é que leva o sujeito a praticar a corrupção, haja vista que se trata de um

sentimento incontrolável de possuir tudo o que se deseja, o eu lírico assim aponta que “O home não se conforma/ Com o salário que ganha”, pois, uma das consequências da ganancia é a constante inconformidade com o que se tem, logo, o ser humano sempre busca cada vez mais, mesmo que possua um salário que seja considerado alto e suficiente para o bem estar, ele nunca estará satisfeito. O eu lírico ainda situa por meio da expressão metafórica “Metendo a mão no tesouro”, que a ganancia faz com que as pessoas se apossam das riquezas, dos bens alheios, ou seja, o termo tesouro é empregado como símbolo, para Chevalier e Gheerbrant (2003, p.880) “a divindade **hindu kuvera**, guardiã dos tesouros, é dona das riquezas da terra, dos metais [...]”. Destarte, o tesouro remete a todo tipo de riqueza que o ser humano possa possuir, por conseguinte, “meter a mão”, está no sentido figurado correspondendo a roubar, furtar, mexer em algo sem a devida autorização.

Nessa estrofe é fundamental ressaltar que o uso do substantivo homem faz referência de forma implícita aos políticos, isto implica dizer, que o eu lírico do poema faz críticas de que o político por causa de sua ambição, nunca está conformado com o que ganha, roubando o dinheiro do povo, não só o dinheiro, mas toda forma de riqueza denominado “tesouro”, este mesmo sujeito por sua vez “Vai preso mais não apanha”, quer dizer que ele pode até ser detido pelos seus crimes, mas comumente não sofre penalizações pela justiça, ou seja, a palavra “apanha” é utilizada também no sentido figurado.

Por fim, o eu lírico afirma que “E um escândalo mundial”, esse processo de um político desviar recursos financeiros dentre outros tipos de condutas inaceitáveis socialmente, posteriormente ser preso e não ser penalizado conforme a justiça. O fato de ser um escândalo mundial, significa que todo mundo fica sabendo do ocorrido, porém, mesmo que tal situação aconteça e venha a público, não intimida os envolvidos, no caso, o político “Mais ele nem se acanha”.

A sétima estrofe do poema possui 4 versos, com rimas ricas entre o substantivo “sociedade” e “felicidade”.

Se todo mundo pensassi
 Numa igual sossiedade
 Não existia miséria e
 Seria maior felicidade

Neste trecho as palavras assumem o caráter literal, o eu lírico se preocupa em refletir sobre a igualdade social como algo benéfico para todos, o que eliminaria a miséria, trazendo harmonia às pessoas, contudo, para que tal sociedade fosse possível, seria necessário que os sujeitos de modo geral tivessem como prioridade a igualdade.

A oitava estrofe do poema é constituída também por 4 versos, com rimas ricas entre o substantivo “direito” e o verbo “aceito”.

Você apoiando os pobres
 Pelos ricos não é aceito
 Pois penção que o mundo e que e só de
 Os pobres não tem direito

Aqui é importante destacar que todos os poemas foram transcritos na íntegra, tal como escrito pelo autor, porém, especialmente nesse trecho a ordem da colocação das palavras estava aparentemente um pouco confusa, assim, foi transcrito considerando as próprias correções do autor, vale, frisar que os sentidos dos versos ficaram um pouco comprometidos. Mas mesmo assim, em síntese, foi possível depreender que se trata da não aceitação dos pobres pela classe alta, e aponta para o indicativo que os ricos pensam que as pessoas de classe baixa não possuem direitos.

Finalmente, tem-se a nona estrofe do poema constituída por 6 versos e apresenta rimas entre os substantivos “sinal” “real” e adjetivo “mal”.

Caro amigo leitor
 Siga o bom **sinal**
 Não deixe o seu sonho bom
 Virar ganancia **real**
 Pois tudo o que sobe desce
 Principalmente o que é do **mal**

Nesta última estrofe, o eu lírico por meio dos fragmentos “Caro amigo leitor/ Siga o bom sinal” sinaliza para o seu leitor ficar atento aos indícios do que é correto e, portanto, seguir esses princípios norteadores. Em seguida, alerta nos extratos “Não deixe o seu sonho bom/ Virar ganancia real” para que os ideais, projetos e desejos das pessoas não sejam corrompidos pelo mal da ganância, uma vez que este desejo obsessivo traz malefícios a todos na sociedade, a ganância real, seria assim, a construção da imagem

da ganância no seu sentido mais intenso e prejudicial possível.

Dessa forma, o eu lírico finaliza o poema fazendo um importante alerta por meio da expressão idiomática “Pois tudo o que sobe desce” / “Principalmente o que é do mal”, afirmação de que as pessoas, hoje, podem ser encontrar no auge do sucesso, porém, no futuro, podem estar em situações difíceis, logo, ao utilizar a expressão popular “tudo que sobe desce”, o eu lírico aponta para o caráter efêmero do sucesso ou do bem-estar social, principalmente quando esse sucesso ou riqueza é derivada de um processo ilícito.

Em conclusão, o poema “o Brasil e a Política” aborda sobre um problema contemporâneo que tem trazido danos à sociedade Brasileira, que é precisamente a ganância dentro do setor político, mas não só neste ambiente, como na sociedade por inteiro. Destarte, o eu lírico na condição de um eleitor transcorre sobre os danos causados por esse mal social, as possíveis soluções e as devidas sugestões para que os sujeitos não sejam influenciados pelo o que ele chama de vírus da ganância. Trata-se de um poema que recorre a alguns recursos poéticos como expressões populares, termos simbólicos, figuras de linguagens, porém, por discorrer sobre problemas da atualidade, torna-se um poema com uma leitura dinâmica e de fácil compreensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poema “O Brasil e a política” faz uma síntese da situação política brasileira nos últimos anos, mas não de qualquer forma e sim situando a causa dos grandes conflitos no governo, a falta de ética na política brasileira.

O eu lírico do poema traz em cada entrelinha poética, sua visão de como a política está repleta de sujeitos mal-intencionados, o que o deixa em alerta constante, ele afirma diversas vezes que tudo é consequência da ganância do ser humano, em outras palavras tudo é gerado a partir do desejo insaciável de ter cada vez mais o todo tempo, esse desejo exacerbado acaba levando os políticos a corrupção.

O poema faz apontamentos, reflexões teias de

relação de sentido, e ainda alertas importantes que merecem a atenção do leitor, o eu lírico pontua problemas que dizem respeito a moralidade e a conduta das pessoas não somente na vida política, mas diariamente, uma vez que faz um alerta para que o eleitor não seja contaminado pelo que ele chama metaforicamente como vírus da corrupção.

Percebe-se na leitura do poema um eu lírico que sempre está na defensiva em relação às novas promessas eleitorais e atividades políticas. Dessa forma, nota-se um sujeito plenamente consciente do seu papel enquanto eleitor, e dos deveres dos políticos enquanto representantes do povo.

O poema “Brasil e a Política”, é um bom exemplo para evidenciar que o poeta traz leituras sobre a sociedade geral, não limita-se ou prende-se apenas a um contexto específico, mas sim parte de um olhar do interior para o exterior, é uma escrita do local para o global, ou seja, o escritor parte do seu contexto de vivência, por conseguinte, a escrita do poeta evidencia que a pessoa negra assume o papel não apenas de sujeito presente nos textos literários, mas também de sujeito que se impõe como crítico e no direito de liberdade de expressão literária. A escrita permite uma liberdade de expressão que ultrapassa as possibilidades em falar em linguagem usual de um ponto comum, pois o poeta se expressa por meio da linguagem poética, permeada de um lirismo universal.

É importante ressaltar que embora o poeta não possua conhecimentos técnicos acadêmicos sua poesia é construída usando diversos recursos poéticos como por exemplo figuras de linguagem, imagem, rimas, sonoridade dentre outros elementos que possibilitaram a construção das poesias, pois independente do conhecimento técnico acadêmico sobre a estrutura de um poema, “A poesia nasce como um sopro vibrante que vem das profundezas de uma alma” (FERREIRA, 2013, p. 15), ou seja, a poesia é mistério, algo mágico que pode surgir em qualquer arte feita pelo ser humano. É possível refletir e reafirmar que para se escrever poesia não é necessário o domínio técnico das palavras, ou seja, independente do grau escolar do indivíduo, haja vista que se tem grandes poetas da oralidade que não são alfabetizados ou são semianalfabetos e mesmo assim

dominam a arte poética, pois a poesia é feita com palavras advindas da alma daquele que escreve ou oraliza e ver nesse ato o poder da criação sublime.

No que diz respeito às unidades expressivas foram detectadas o uso frequente dos recursos estilísticos como figuras de linguagem, expressões idiomáticas, palavras no plano simbólico, uso de metáforas e também da criação de imagens fazendo analogia ao cenário político brasileiro. Desse modo, a poesia foi construída usando a linguagem conotativa e denotativa utilizando-se como temática a política no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2008. Disponível em: <<http://www.eduardoguerreirolosso.com/Arist%C3%B3teles-poetica-gulbenkian-dig-c.pdf>>. Acesso em: 11 julh. 2018.
- ASAS DA PALAVRA. **Vida e obra de Bruno de Menezes**. Literatura-Estudos Críticos, artigos, ensaios, poesia. Revista do Curso De Letras. Centro de Ciências Humanas e educação. V. 3. nº 5. Out. 1996 Belém: UNAMA- PA. 1996.
- CANDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. 3.ed. São Paulo: Humanitas Publicações-FFLCH/USP. 1996. Disponível em: <http://grad.letras.ufmg.br/arquivos/monitoria/ESTUDO%20ANAL%C3%8DTICO%20DO%20POEMA.pdf>. Acesso em: 01 jul.2018.
- CHERVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Los Símbolos**. Barcelona: EDITORIAL HERDER.1986. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B9Ns8MIkShZISEIxajFQbEVMcXc/view>. Acesso em: 05 de Jun. 2018.. Dicionário de Símbolos. 18ª. ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio. 2003.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura e Afrodescendência no Brasil**: Antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- . **O negro na Literatura Brasileira**.

Navegações sv. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013, Universidade Federal de Minas Gerais/CNPq – Minas Gerais- Belo Horizonte.

Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegaacoes/article/viewFile/16787/10936>. Acesso em: 22 maio 2018.

EVARISTO, Conceição. Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afro-brasilidade. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/267423926_Literatura_negra_uma_poetica_de_nossa_afro-brasilidade. Acesso em: 22 maio 2018.

FERREIRA, Agripina Encarnación Alvarez.

Dicionário de Imagens, Símbolos, Mitos, Termos e Conceitos Bachelardianos. Londrina. 2013.

Disponível em:

http://www.uel.br/editora/portal/pages/arquivos/dicionario%20de%20imagem_digital.pdf. Acesso em: 05 de junh. 2018.

GOLDSTEIN. Norma. Versos; sons; Ritmos. Séries Princípios- Ática. 14º. ed. 2006. Cap. 04, 05, 06 e 07. p.12-40.

. A centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Editora Educação e Realidade. 1997. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 2 out 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Presses Universitaires de France Paris, França, 1968. Tradução de Laurent Léon Schaffter. (2.a ed.) São Paulo. Revista Dos Tribunais Ltda. 1990. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 11 out. 2017.

Planejamento e execução de pesquisa amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e

interpretação de dados .7º ed. São Paulo: Atlas, 2013.

. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003. Disponível em: docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of...i/.../china-e-india. Acesso em: junh. 2015.

MOISÉS, Maussaud. **Dicionário de Termos Literários**. 12.ed. São Paulo: Cultrix. 2004.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social.

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em:

<http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20S%20Mest%202014/Andre%20Ca%20praro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2018.

PROENÇA FILHO. **A trajetória do negro na Literatura Brasileira**. 2004. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/250983853_A_trajetoria_do_negro_na_literatura_brasileira. Acesso em: 08 set. 2016.

SAUSURE, Fernand de. **Curso de Linguística**

Geral. São Paulo: Cultrix. 2006. Disponível em:

<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2016/04/saussurre-curso-de-linguistica-geral.pdf>. Acesso em: 27 jun.2018.

SANTOS, Boa Aventura de Sousa. **Modernidade, identidade e a cultura de fronteira**. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, A S. Paulo. 1993 (editado em nov. 1994). Disponível em:

http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira_TempoSocial1994.pdf. Acesso em: 18 maio 2018.

SILVA, Giselda Shirley da e SILVA Vandeir José da.

Quilombos brasileiros: alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil. 2014. Revista Mosaico, v. 7, n. 2, p. 191-200, jul./dez. 2014.

Disponível em:

seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/download/4120/2352. Acesso em: 19 de març. 2018.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o**

esquecimento. Campinas. Unicamp, 2007. Disponível em:
<https://mega.nz/#F!Jx13iT6S!Uq2rP8RZTOOnPceP89LdwA>. Acesso em: 11 out. 2017.